

O CADERNO DE LEITURA: Um recurso a explorar

Sara de Almeida Leite

Instituto Superior de Educação e Ciências

sleite@isec.universitas.pt

No ano letivo de 2005/2006, a Matilde frequentava, nos Estados Unidos da América, o 4.º ano de escolaridade. Hoje, frequenta o curso de Línguas e Literaturas Modernas, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com notas excelentes. Acredito que uma das razões para que atualmente seja uma aluna bem acima da média, no que respeita ao gosto pelas obras literárias e à capacidade para fazer delas leituras consequentes, se prenda com um simples objeto com o qual contactou na escola primária: o *Caderno de Leitura (Reader's Notebook)*, editado pela Heinemann¹, que a professora convidava os seus alunos de 9 e 10 anos a utilizar. Trata-se de um recurso que ainda hoje é abundantemente utilizado nos EUA, mas que pouca ou nenhuma expressão tem no nosso país.

Mesmo sem o abrir, qualquer pessoa percebe que não se trata de um caderno vulgar, embora a capa seja de cartão, com uma linha para escrever o nome do aluno e outra para o nome da escola, e seja encadernado com argolas comuns. No topo veem-se quatro separadores de cores diferentes, nos quais se pode ler: *Reading list, Books to read, Letters, Guided Reading/Book Club*. O caderno está, portanto, separado em quatro secções, cada uma com a sua finalidade. Torna-se intrigante em virtude desse pormenor, que suscita curiosidade sobre o conteúdo de cada uma das partes e a sua eventual relação.

No verso da capa, pode ler-se uma lista de linhas de orientação, para que os alunos saibam o que se espera que façam – e como – durante o tempo dedicado à

¹ Editora Britânica e Norte-Americana especializada em recursos profissionais e educativos para todos os níveis de ensino. Na respetiva página *web* podem ver-se diversos exemplos de cadernos de leitura editados atualmente, como por exemplo o de Irene C. Fountas e Gay Su Pinnell, recomendado para os anos de escolaridade 4 a 8 (<http://www.heinemann.com/shared/onlineresources/E04287/cover.html>).

oficina de leitura. As *Guidelines for Reading Workshop*, que aqui traduzo, são as seguintes:

1. *Lê um livro, ou regista as tuas ideias e sentimentos acerca do que leste.*
2. *Trabalha em silêncio, para que tu e os teus colegas consigam concentrar-se.*
3. *Fala em voz baixa quando estiveres a conversar com o professor.*
4. *Escolhe livros de que achas que irás gostar e desiste da leitura de livros que não te estejam a entusiasmar, depois de teres experimentado lê-los.*
5. *Toma nota da informação sobre o livro quando começares a lê-lo e regista a data em que acabas de o ler.*
6. *Tenta sempre fazer o teu trabalho o melhor possível.*

À direita, encontra-se o primeiro separador, que inicia a secção “Lista de Leitura”. Nele se apresentam os requisitos para o ano letivo em questão, os *Reading Requirements*. O número mínimo de livros a ler, inscrito pela professora, é de 35, repartidos equitativamente pelos seguintes géneros, dispostos num quadro: “Literatura Tradicional” (5), “Ficção Realista” (5), “Ficção Histórica” (5), “Fantástico” (5), “Ficção Científica” (5), “Livros informativos” (5), “Biografias” (5). O último género do quadro, “Escolha livre”, é o único que não tem um número mínimo determinado pela professora. O quadro inclui, à direita, uma coluna destinada ao registo do número de livros de cada género que foram efetivamente lidos pelo aluno.

Quem pensar que as crianças do 4.º ano do ensino básico talvez sejam demasiado novas para saberem identificar com rigor os géneros sugeridos há de apreciar este pormenor: do verso do separador constam dois quadros com definições simples e claras de cada um. Por exemplo, sobre o género *fantástico* pode ler-se: «Histórias inventadas que têm alguns elementos irrealis, ou acontecimentos que não poderiam ter lugar neste mundo (ex. fadas, animais falantes).» O primeiro quadro contém os géneros de ficção e o segundo, os géneros de não ficção, onde inclusive se definem dois que não constam do quadro anterior: as autobiografias e as memórias.

As páginas incluídas no caderno após o primeiro separador são constituídas por uma tabela contínua com colunas relativas ao título, autor, género, data de leitura, etc., servindo, portanto, para que cada aluno possa manter um registo dos livros que leu. Esta prática de manter um “reading log” é comum nos EUA e tabelas

muito semelhantes podem ser facilmente encontradas na Internet². Note-se, neste tipo de quadro, que existe uma coluna na qual os alunos devem anotar, por meio de uma abreviatura (E/JR/C) a sua opinião sobre o grau de dificuldade da leitura. Em português, as abreviaturas poderiam ser *F*, para “fácil” (*Easy*), *MC*, para “mesmo certo” (*Just Right*) e *D*, para “desafiante” (*Challenging*).

O segundo separador, “Livros a Ler”, apresenta um quadro onde o aluno pode tomar nota dos temas, géneros e autores que mais o cativam, construindo assim uma lista de potenciais leituras para o futuro. O quadro tem três colunas: “Temas que me interessam”, “Géneros/tipos de livros que me interessam”, “Autores que me interessam”. As folhas desta secção também são constituídas por uma tabela contínua com três colunas: a primeira para o título do livro a ler, a segunda para o respetivo autor e a terceira para inscrever uma marca quando a leitura de cada livro tiver sido efetuada.

A terceira secção, “Cartas” é a mais surpreendente do caderno e a mais rica em sugestões para a reflexão sobre a leitura. Na cartolina que serve de separador está impressa uma representação esquemática de uma carta informal, com a localização das diferentes partes constituintes (data, saudação, parágrafos do corpo da carta, fórmula de despedida e assinatura). No verso do separador, fornecem-se cinco linhas de orientação para a “Revisão de Cartas”:

1. *Relê a tua carta para te certificares de que faz sentido.*
2. *Verifica que respondeste ao que o teu professor ou colega pediu ou perguntou na sua carta.*
3. *Escreve a data.*
4. *Certifica-te de que utilizaste fórmulas de saudação e de despedida.*
5. *Verifica a ortografia, o uso de maiúsculas e a pontuação.*

A primeira folha desta secção é uma carta da professora, dirigida ao aluno que está na posse do caderno de leitura. Embora a missiva seja impressa, a data, o nome do aluno (neste caso, *Matilde*), e a assinatura estão manuscritas. No texto, Miss Jag esclarece que, nesse ano letivo, ela e os alunos escreverão cartas uns aos outros sobre livros e autores, sobre leitura e escrita. «As nossas cartas» – explica

² Por exemplo esta: <http://www.lcps.org/cms/lib4/VA01000195/Centricity/ModuleInstance/75781/Reading%20Log.pdf>.

a professora na introdução – «vão dar-nos a oportunidade de partilhar ideias e sentimentos sobre livros».

Em seguida, Miss Jag explicita o que pretende: «Escreve-me a contar o que pensas sobre o livro que estás a ler», ao que acrescenta um conjunto de instruções sobre como e quando a carta deve ser escrita, remetendo para as outras partes do caderno onde o aluno pode encontrar informação útil para o orientar na tarefa. No final, despede-se manifestando-se expectante e animada quanto à perspectiva de vir a conhecer as ideias do aluno e a ter conversas interessantes sobre os livros ao longo do ano. Após a carta, são fornecidas aos alunos bastantes ideias em que se podem basear para escrever, os “Possíveis Tópicos para as Tuas Cartas”:

Partilha os teus pensamentos sobre:

- *algo que te surpreendeu ou que achaste interessante*
- *o que gostas e o que não gostas no livro e porquê*
- *uma personagem interessante ou importante*
- *partes do livro que te confundiram ou que te levaram a fazer perguntas*
- *o que a história significa para ti*
- *as tuas ideias e sentimentos sobre a mensagem do autor^{3*}*
- *o que notaste nas personagens, por exemplo aquilo que as levou a fazer o que fizeram ou a forma como mudaram*
- *o motivo por que, na tua opinião, o autor escolheu aquele título*
- *as tuas previsões e se estavam certas*
- *o modo como a informação do livro complementa o que já sabias*
- *a maneira como o livro te faz pensar em ti mesmo, ou em pessoas que conheces, ou numa experiência que tenhas vivido*
- *o facto de o livro ser parecido com outros do mesmo autor, ou sobre o mesmo tema, ou do mesmo género*
- *o facto de o livro te fazer pensar noutros livros, especialmente as personagens, os acontecimentos ou o ambiente*

³ Nas partes assinaladas com * optei pela fidelidade ao texto original, ainda que tentar chegar à “intenção do autor” seja atualmente considerado um procedimento hermenêutico anacrónico e falacioso. Em todo o caso, trata-se de uma reação natural e espontânea por parte de quem lê ou ouve na intenção de compreender o que lhe é comunicado por outrem.

- *a forma como as ilustrações acrescentam sentido ao texto*
- *o final da história e os teus sentimentos em relação ao modo como acaba*
- *o que pensas do tipo de linguagem que o autor utiliza*
- *o que achas da arte do autor – os aspetos positivos da sua forma de escrever*
- *os motivos que te levaram a escolher esse livro*
- *as razões que, na tua opinião, terão levado o autor a escrever o livro*
- *se recomendarias esse livro a alguém e porquê*
- *o que modificarias no livro, se pudesses*
- *exemplos de estereótipos e preconceitos*
- *o facto de achares o livro fácil, mesmo certo para ti, ou desafiante e porquê*
- *o género do livro e as suas características*
- *a forma como o autor representa a passagem do tempo*
- *o modo como o ambiente afeta as personagens*
- *a maneira como o autor conseguiu suscitar o teu interesse e puxar-te “para dentro” do livro*
- *a forma como o autor consegue criar suspense*
- *o que desejas recordar sobre o livro*
- *o que aprendeste ou foste levado a concluir a partir da leitura*
- *os motivos que te levaram a abandonar o livro*

Os tópicos são seguidos de uma considerável quantidade de folhas pautadas, destinadas à redação das cartas à professora.

Finalmente, chega-se à quarta secção do caderno - “Leitura Orientada / Clube de Leitura” - em cujo separador estão tópicos que pretendem ajudar os alunos a organizar ideias antes de participarem numa conversa sobre os livros que leram. A maior parte desses tópicos consiste numa reformulação simplificada dos que foram fornecidos na secção anterior. Eis a lista dos temas que auxiliam à “Preparação para Conversas sobre Livros”:

Lê e pensa sobre:

- *o que achaste interessante ou surpreendente*
- *como o autor te faz sentir*
- *o que gostas / não gostas no texto*
- *o que o autor quer dizer* e o que achas disso*
- *em que é que livro te faz pensar*

- *a tua reação às personagens*
- *como o livro te lembra a tua própria vida*
- *como o livro te faz recordar outros livros*
- *como o livro é semelhante ou diferente de outros livros do mesmo autor ou de outros livros do mesmo género*
- *o que não compreendes, o que te confunde ou te leva a fazer perguntas*
- *o que notas nas ilustrações*
- *o que desejas recordar sobre o livro*
- *partes em que o autor faz boas descrições*
- *o motivo por que achas que o autor escreveu o livro*
- *o que o autor está a tentar dizer**
- *o que notas sobre a arte do autor*
- *como o autor representou a passagem o tempo*
- *exemplos de estereótipos ou preconceitos*
- *o que notas na linguagem do autor, na escolha de palavras ou no estilo*
- *o que aprendeste*

No verso do separador, são apresentados alguns conselhos para tornar as conversas sobre livros produtivas e relevantes, sob o título “Como Ter uma Boa Conversa”:

1. *Preparar-se.*
2. *Sentar-se de modo a que toda a gente veja toda a gente.*
3. *Começar sem rodeios.*
4. *Olhar o interlocutor nos olhos.*
5. *Ouvir para compreender.*
6. *Fazer perguntas para compreender melhor.*
7. *Falar de forma clara e não demasiado alto.*
8. *Esperar que quem está a falar acabe o que tem para dizer.*
9. *Usar linguagem que convide os outros a partilharem a sua opinião.*
10. *Dar a vez a toda a gente.*
11. *Construir ideias com base no contributo uns dos outros.*
12. *Respeitar as ideias dos outros.*
13. *Manter-se focado no assunto.*
14. *Basear-se na experiência pessoal ou no texto para justificar opiniões.*

Esta secção do caderno, como a anterior, é composta por folhas pautadas. São essas as únicas partes do interior do caderno que podem levar a crer que se trata de um simples bloco de notas.

Existe ainda um “bónus” no final: na parte interior da contracapa do caderno, os autores incluíram um último conjunto de indicações práticas sob o título “Como Fazer a Apresentação de um Livro”. São estas as achegas fornecidas:

1. *Objetivo:*

- *Despertar o interesse dos leitores para um livro, autor, coleção ou género.*

2. *Preparação:*

- *Lê o livro na totalidade.*
- *Escolhe um livro do qual achas que outros leitores gostarão.*
- *Pensa sobre o que é interessante nesse livro.*
- *Pensa sobre a ideia principal – de que forma vais captar o interesse dos leitores.*
- *Escreve o número das páginas e algumas notas num “post-it”.*

3. *Apresentação:*

- *Mostra o livro.*
- *Começa com uma boa ideia principal.*
- *Menciona o autor, o título e o género.*
- *Explica porque escolheste apresentar esse livro.*
- *Fala um pouco sobre o livro, mas sem revelar segredos.*
- *Refere outros livros do mesmo autor ou da mesma coleção.*

4. *Não te esqueças de:*

- *Olhar para toda a gente.*
- *Falar claramente.*
- *Mostrar o teu entusiasmo.*
- *Ser breve!*

O “Caderno de Leitura” pode, portanto, ser usado como ponto de partida e de chegada de diversas atividades centradas no envolvimento dos leitores com os livros. O modo como convida a ler, a refletir e a partilhar ideias sobre os textos

concilia de forma sábia duas orientações divergentes: por um lado, a verificação do cumprimento de metas e objetivos, associada à imposição da leitura, por outro lado, a abertura à expressão individual e à criatividade, associada à liberdade concedida ao aluno na escolha das obras e na sua interpretação. Assenta num voto de confiança nas capacidades dos estudantes, que lhes confere responsabilidade, mas também um certo protagonismo, criando assim condições para que as aprendizagens se tornem mais relevantes e duradouras.

O grau de maturidade e autonomia requerido para utilizar este caderno de acordo com as expectativas é bastante elevado, considerando a idade das crianças às quais se destina. Para além de motivação para a leitura, exige disciplina e capacidade de gestão do tempo, fluidez e destreza na compreensão das obras lidas a um nível complexo, muito para além da mera descodificação, bem como competência e vontade para refletir sobre os textos e verbalizar ideias, sentimentos, perplexidades, conclusões e opiniões. Está, porém, perfeitamente de acordo com as metas e descritores de desempenho estabelecidos para o 4.º ano do Ensino Básico, podendo por isso ser traduzido e utilizado em Portugal.

Porém, e sendo este um recurso naturalmente versátil, pode ser ajustado ao grau de maturidade e competência dos alunos, assim como a diferentes níveis de ensino. Inclusivamente permite a adaptação a outros objetivos – por exemplo ao conhecimento sobre a biologia, a história, a geografia, etc., ou à aprendizagem de uma língua estrangeira. Em qualquer dos casos, constitui um excelente meio para tornar a aprendizagem significativa, ao pressupor um processo pessoal e emocional de envolvimento com as matérias em estudo.

No que respeita, concretamente, à leitura literária, o caderno potencia uma relação entre os leitores e os textos de certo mais entusiasmante e intensa do que aquela que se estabelece com base nas fichas de exercícios e atividades com perguntas previsíveis e respostas ideais, ou nos trabalhos realizados a partir da pesquisa de informações sobre os textos que os alunos acabam por se limitar a reproduzir. Note-se como, nas listas de tópicos para escrever e falar sobre os livros, quase todos dizem respeito à opinião pessoal (*o que achaste..., o que gostas/não gostas..., em que é que o livro te faz pensar...*), à construção de sentidos pelo sujeito leitor (*o que notas..., o que aprendeste..., o que não compreendes...*), permitindo, portanto, que os leitores manifestem o seu próprio entendimento dos tex-

tos. O caderno revela-se, assim, adequado também à própria natureza da literatura, na medida em que esta solicita uma experiência de leitura voluntária e emocionalmente comprometida.

À semelhança do que sucede nas áreas curriculares que permitem a experimentação estética, as “Expressões” (que no entanto estão ausentes do currículo do Ensino Secundário, com exceção dos Cursos Artísticos Especializados)⁴, as situações em que se leem e discutem obras literárias constituem preciosas oportunidades através das quais os professores podem contrariar as tendências de ensino convencionais e abrir espaço ao diálogo, à resolução conjunta de problemas reais e a aprendizagens significativas e duradouras, fundadas na motivação e na ação, que constituem práticas educativas particularmente adequadas a um ensino verdadeiramente democrático. Se a democracia assenta no diálogo e na reflexão participada, no sentido em que a entende Dewey (Dewey, 2011: 50), a prática educativa que visa preparar os indivíduos para a cidadania democrática deve reger-se pelos mesmos moldes.

De resto, é bom recordar que a leitura individual, por mais credenciada que seja, nunca se basta a si mesma, apenas constitui um primeiro passo essencial para a aprendizagem baseada na co-construção do conhecimento – neste caso, do sentido e da relevância dos textos – e para a realização de projetos conjuntos que permitam reverberar esse sentido e essa relevância. Ao orientar a reflexão sobre a leitura na direção da partilha e da troca de impressões, o caderno reflete uma visão da leitura literária como prática fundamentalmente socializante e não (apenas) como uma atividade solitária. Até porque todo o trabalho realizado em torno dos textos, ao visar a comunicação de leituras, prepara os alunos para comunicarem mais e melhor numa grande diversidade de contextos e circunstâncias.

Todavia, é condição indispensável, para que a leitura aconteça, que os alunos se dediquem individualmente à descodificação e compreensão dos textos. E, havendo atualmente tantos estímulos audiovisuais que cativam a atenção dos jovens, pode ser difícil suscitar nos estudantes curiosidade e predisposição em relação à descoberta da obra. Uma das estratégias de motivação é a interpelação e

⁴ As disciplinas das áreas das Expressões não fazem parte da “formação geral” que, no Ensino Secundário, visa «contribuir para a construção da identidade pessoal, social e cultural dos alunos» (Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de Julho, Secção III, Artigo 16.º, ponto 2 a)).

o questionamento, à boa maneira socrática, que pressupõem uma atitude empática e dialogante por parte do professor. Ora, é precisamente isso o que faz Miss Jag na carta e nos tópicos de discussão que oferece aos alunos, aos quais subjaz a intenção de fundar o diálogo sobre as leituras na cumplicidade, na tolerância e na compreensão. É muito pouco provável que a intenção dos professores que utilizam o caderno nos EUA seja averiguar se o conteúdo das respostas dos alunos vai ao encontro das suas próprias ideias sobre os livros, ou das leituras canónicas, porque a finalidade é motivar para a leitura.

Outra vantagem deste caderno é que a sua utilidade não se vê posta em causa perante a probabilidade de alguns alunos não se sentirem capazes de identificar as interpelações dos textos e de explorar caminhos interpretativos, nem perante o facto de outros alunos, capazes disso, se refugiarem na passividade ou na submissão fácil às ideias do professor. Ao permitir que os estudantes verbalizem dúvidas, perplexidades e apreensões e ao dar-lhes a possibilidade de explicar os motivos por que decidiram abandonar determinadas leituras, por exemplo, as orientações do caderno impedem-nos de se destituírem da responsabilidade de assumir as dificuldades como pontos de partida para o esforço no sentido da evolução.

Para além disso, o caderno também pressupõe o respeito por todas as reações dos alunos aos textos, mesmo aquelas que, noutras circunstâncias, poderiam ser consideradas incipientes ou irrelevantes. Como frisou há décadas Arthur Applebee, «a reader begins with *some* sense of meaning, however incomplete, and it is this original response which is refined and guided by the process of close analysis and explicit interpretation» (Applebee, 1974, p. 252). Na correspondência estabelecida com a professora, os alunos sentem decerto que as suas opiniões são bem acolhidas. Como resultado, em vez de se retraírem, sentir-se-ão incentivados a explorar mais e melhor a sua interpretação do texto, com a ajuda da docente. «The teacher's request for elaboration is not a challenge or a threat,» - defende, precisamente, Robert Probst - «but an invitation to search, in text and self, for the sources of meaning, for the patterns of thought and the strategies of coping that constitute the uniqueness of the reader» (Probst, 1986, p. 62).

Finalmente, é de salientar que a escrita, mais do que a oralidade, permite criar espaços de relacionamento com o texto com boas condições para estimular o desenvolvimento da interpretação pessoal. Dentro ou fora da sala, durante os tempos letivos ou no ambiente familiar, enquanto reflete para tomar notas no

caderno, para redigir uma carta à professora ou para preparar uma apresentação sobre um livro, o aluno tem tempo para “digerir” o texto, para o deixar reverberar na sua consciência, para o relacionar com outros textos lidos, para fazer pesquisas, para conversar com outros leitores e para chegar a ideias e conclusões que dificilmente lhe ocorreriam se não lhe fosse solicitado o registo dos seus pensamentos.

Em suma, ao favorecer a construção de leituras pessoais, o caderno constitui um valioso recurso a explorar. Longe de servir como um mero repositório de dados relativos a determinadas obras, torna-se documento vivo de uma série de aprendizagens que se estendem muito para além da cultura literária e incluem o desenvolvimento pessoal, emocional, social. Ao incentivar o registo de reações às obras lidas, de sentimentos, questões, dúvidas e ideias surgidas a propósito da leitura, os alunos crescem e amadurecem. Analisando, comparando, inferindo, supondo, problematizando, investigando, confirmando, refutando, argumentando, exercitam uma diversidade de raciocínios que contribuirão para desenvolver o seu espírito crítico, a sua capacidade de observação, a sua destreza interpretativa, a sua autoconfiança e o seu conhecimento sobre si próprios.

O “Caderno de Leitura” é, portanto, reflexo de uma atitude extremamente válida e profícua perante os textos literários, radicada no interesse, no respeito, na atenção genuína: tanto do aluno-leitor para com a obra, como do professor para com o resultado desse envolvimento. Leva-me a recordar as sábias palavras de Wayne Booth – «Read as you would have others read you, listen as you would have others listen» (Booth, 1988, p. 173). O caderno, tal como o ditame do autor de *The Company We Keep*, convida os leitores a colocarem-se no papel dos próprios livros e a perguntarem a si mesmos: “Se eu fosse este livro, o que é que gostaria que dissessem sobre mim?”

Referências

- Applebee, A. N. (1974). *Tradition and Reform in the Teaching of English: A History*. Urbana: National Council of Teachers of English.
- Bernardes, J. A. C. & Mateus, R. A. (2013). *Literatura e Ensino do Português*. Lisboa: Fundação Manuel dos Santos.
- Booth, W. C. (1988). *The Company We Keep: An Ethics of Fiction*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.

Dewey, J. (2011). *Democracy and Education*. [s.l.]: Simon Brown.
Fountas, I. C. & Pinnell, G. S. (2002). *Reader's Notebook*. NH: Heinemann.
Probst, R. E. (1986). Three Relationships in the Teaching of Literature. *English Journal*, 75, 1, 60-68.

Dobra n°1, 2017